

Maluf apóia ACM em 2002

■ Ex-prefeito não vê problema em aliança do PPB com o PFL

JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO – O ex-prefeito Paulo Maluf anunciou ontem, ao voltar de uma viagem de 13 dias a Paris e Montecarlo, que não terá nenhuma dificuldade em subir no palanque de Antônio Carlos Magalhães se o PFL lançar o nome do senador para a sucessão de Fernando Henrique Cardoso, nas eleições de 2002. Presidente nacional do PPB, Maluf observou, porém, que uma possível aliança não depende só dele, porque, se o partido preferir ter candidato próprio, quem vai decidir os rumos da campanha serão “conselheiros do partido” como o ministro do Trabalho e Emprego, Francisco Dornelles, o governador catarinense Esperidião Amin, o deputado federal Delfim Netto (SP) e os ex-senadores Roberto Campos (RJ) e Jarbas Passarinho (PA).

Com a ressalva de que a eleição presidencial ainda está longe, Paulo Maluf advertiu que não seria bom para o país levantar a questão neste momento. Quanto à possibilidade de lançamento de seu nome para o Planalto, preferiu não discutir. “O que vai ocorrer em 2002 eu não posso decidir aqui, de pé, no aeroporto, às 6h da manhã, porque é um assunto para ser debatido em Brasília”, desconversou.

Dossiê – Depois de ressaltar o respeito que diz ter pela pessoa de Fernando Henrique e da primeira-dama, Ruth Cardoso, “que está fazendo um notável serviço na parte social”, o ex-prefeito paulistano disse que o fato de a Procuradoria-Geral da República haver pedido o seu indiciamento no caso do dossiê das Ilhas Cayman não abala em nada suas relações com o presidente.

“Esse pedido é absurdo, porque nunca vi os documentos”, defendeu-se Maluf, desmentindo que tenha levado à cúpula do PT, na campanha eleitoral do ano passado, a denúncia de que Fernando Henrique, o governador paulista Mário Covas (PSDB), o ministro da Saúde, José Serra, e o ex-ministro das Comunicações Sér-



Paulo Maluf desembarcou no início da manhã, no aeroporto de Cumbica, junto com a mulher, dona Silvia

gio Motta, falecido no ano passado, seriam sócios de uma conta milionária no Caribe. O empresário Lafaiete Coutinho, que teria procurado os petistas em nome de Maluf, também foi indiciado.

O indiciamento, disse o presidente do PPB, não prejudica sua imagem política. “Fui processado muitas vezes e nunca fui condenado. Se existe um político hoje sem mácula, é Paulo Maluf”, afirmou. Citando Santo Agostinho, para quem “santo não é aquele que não tinha pecado, mas aquele que foi tentado e não caiu no pecado”, Maluf garantiu que jamais pecou.

Impeachment – Em relação ao risco de cassação do prefeito Celso Pitta, seu ex-apadrinhado político, recém-desfilado do PPB, Maluf afir-

mou que nada tem a ver com o processo de impeachment. “Esse é um problema da Câmara Municipal”, comentou, avisando que os vereadores da bancada do PPB poderão votar como bem entenderem, de acordo com sua consciência.

“Se Celso Pitta recebeu a informação de que estou influenciando os vereadores, recebeu de pessoa mal-informada. E, se repete essa informação mentirosa, ele está mentindo”, acusou Maluf, com a ressalva de que não estava chamando Pitta de ter mentiroso, pois se referia apenas a esse episódio.

Maluf insistiu na queixa de que Pitta traiu os votos que teve em 1996 e o aconselhou a trabalhar muito, acordando cedo e dormindo tarde, para conquistar o respeito da população. O ex-prefeito disse que a esco-

lha de Pitta para seu sucessor fazia parte de um projeto, que era indicar um executivo bem sucedido em vez de um político tradicional. “Enquanto estava debaixo de mim (como secretário municipal de Finanças), Pitta funcionou, porque eu cobro, mas depois ele mudou”, reclamou.

Paulo Maluf não quis antecipar o conteúdo do programa do PPB, gravado ontem pelo ex-prefeito, para ser transmitido amanhã pela tevê. Mas disse que “o partido é independente para dizer, por exemplo, que este governo é muito generoso com os banqueiros e muito egoísta com o povo”. E acrescentou que, “em janeiro, o governo soltou US\$ 10 bilhões, não emprestados, mas dados pelo Banco Central, enquanto para o povo o que está subindo é o desemprego”.

São Paulo – Armando Favaro